

## AQUILOMBAR CIÊNCIA E CULTURA: INTERCÂMBIO CULTURAL ENTRE ESCOLA E COMUNIDADES QUILOMBOLAS

### *AQUILOMBAR SCIENCE AND CULTURE: AN EXTENSION EXPERIENCE BETWEEN THE SCHOOL AND QUILOMBO COMMUNITIES*

Danielle Barbosa Bezerra<sup>1</sup>; Leonardo Siqueira Antonio<sup>2</sup>; Carlos Jorge da Silva Correia Fernandes<sup>3</sup>; Juliana de Araújo Silva<sup>4</sup>; Amanda dos Santos Curto<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Alagoas – IFAL. E-mail: [danielle.bezerra@ifal.edu.br](mailto:danielle.bezerra@ifal.edu.br); <sup>2</sup>Instituto Federal de Alagoas – IFAL. E-mail: [leonardo.antonio@ifal.edu.br](mailto:leonardo.antonio@ifal.edu.br); <sup>3</sup>Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: [carlos.correia@mhn.ufal.br](mailto:carlos.correia@mhn.ufal.br); <sup>4</sup>Professora da Rede Municipal de Taquarana/AL. E-mail: [juliannnaaraujo403@gmail.com](mailto:juliannnaaraujo403@gmail.com); <sup>5</sup>Professora da Rede Municipal de Taquarana/AL. E-mail: [amanda.curto@arapiraca.ufal.br](mailto:amanda.curto@arapiraca.ufal.br)

**RESUMO:** Este relato de experiência extensionista retrata o projeto Aquilombar Ciência e Cultura em Muquém e Mameluco, realizado entre março e novembro de 2024. Fruto de uma colaboração entre o Instituto Federal de Alagoas (Ifal), a Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e com apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a iniciativa foi concebida sob os princípios da pesquisa-ação. Seu objetivo central foi estabelecer um diálogo descolonizador entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais das comunidades quilombolas de Muquém (União dos Palmares) e Mameluco (Taquarana), em Alagoas. O foco deste relato é a oficina "Produção cultural quilombola: identidade, saberes tradicionais e comunidade", que foi conduzida por docentes do Ifal e professoras quilombolas da rede municipal. A metodologia destacou a transmissão de conhecimento através de práticas culturais e artesanais, exemplificadas pela produção de cerâmica em Muquém e o preparo do Café de Andu em Mameluco. O projeto atingiu um impacto significativo, mobilizando um total de 529 pessoas, sendo 482 estudantes e 47 membros das comunidades. Especificamente, a oficina focalizada envolveu 45 estudantes do Ensino Fundamental, juntamente com docentes e servidores. O resultado superou a meta inicial, confirmando a relevância e o grande interesse da proposta para as comunidades. A iniciativa, que promoveu um intercâmbio transformador de saberes, obteve reconhecimento institucional com o 1º lugar no Prêmio Destaque Extensionista 2024 da UFAL, validando seu sucesso na articulação entre ciência, identidade cultural e justiça social.

**Palavras-chave:** Educação; Comunidades quilombolas; Extensão; Alagoas.

**ABSTRACT:** This article reports on the extension experience of the Aquilombar Science and Culture project in Muquém and Mameluco, carried out between March and November 2024. A collaboration between the Federal Institute of Alagoas (Ifal), the Federal University of Alagoas (Ufal), and with support from the Brazilian Society for the Advancement of Science (SBPC), the initiative was conceived based on the principles of action research. Its central objective was to establish a decolonizing dialogue between scientific knowledge and the traditional knowledge of the quilombola communities of Muquém (União dos Palmares) and Mameluco (Taquarana), in Alagoas. The focus of this report is the workshop "Quilombola Cultural Production: Identity, Traditional Knowledge, and Community," which was led by Ifal faculty and quilombola teachers from the municipal school system. The methodology emphasized the transmission of knowledge through cultural and artisanal practices, exemplified by the production of ceramics in Muquém and the preparation of Andu Coffee in Mameluco. The project achieved significant impact, mobilizing a total of 529 people, including 482 students and 47 community members. Specifically, the focused workshop involved 45 elementary school students, along with teachers and staff. The result exceeded the initial goal, confirming the relevance and significant interest of the proposal for the communities. The initiative, which promoted a transformative exchange of knowledge,

received institutional recognition with first place in the 2024 UFAL Outstanding Extension Award, validating its success in connecting science, cultural identity, and social justice.

**Keywords:** Education; Quilombola communities; Extension; Alagoas.

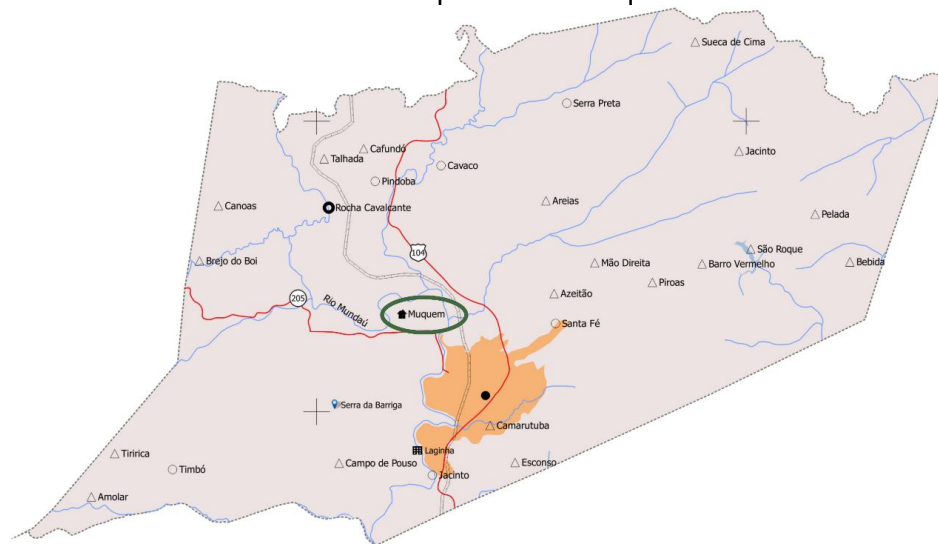
## INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência propõe compartilhar nossa experiência extensionista vivenciada entre março e novembro de 2024, no âmbito do projeto Aquilombar Ciência e Cultura em Muquém e Mameluco, contemplado pelo edital 2023 do Programa SBPC vai à Escola, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O projeto foi coordenado pelo Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Contou com colaboração do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), e com a parceria da Sala Verde Serrana dos Quilombos/SEMED de União dos Palmares/AL, das Escolas Municipais Pedro Pereira da Silva (União dos Palmares/AL) e Edgar Tenório de Lima (Taquarana/AL), bem como da produtora Prática Cultural Produções. A participação das escolas foi condicionada à assinatura da carta de anuência pelos diretores, cuja obrigatoriedade constava no referido edital.

Neste relato, focalizamos a oficina Produção cultural quilombola: identidade, saberes tradicionais e comunidade, conduzida por quatro educadores: as professoras quilombolas Juliana de Araujo Silva e Amanda dos Santos Curto, atuantes na educação básica da Prefeitura Municipal de Taquarana, e os professores do Instituto Federal de Alagoas, Leonardo Siqueira Antonio e Danielle Barbosa Bezerra, que atuaram como mediadores no diálogo entre escola, universidade e comunidade. Participaram ainda estudantes das escolas parceiras, membros das comunidades

quilombolas Muquém<sup>1</sup> (Figura 1) e Mameluco<sup>2</sup> (Figura 2), docentes e servidores escolares. Buscamos analisar, a partir de nossos registros e relatos, como as/os professoras/es perceberam os processos formativos e as reverberações do intercâmbio cultural experienciado.

Figura 1 – Mapa político-administrativo de União dos Palmares (AL), com destaque para a comunidade quilombola Muquém.



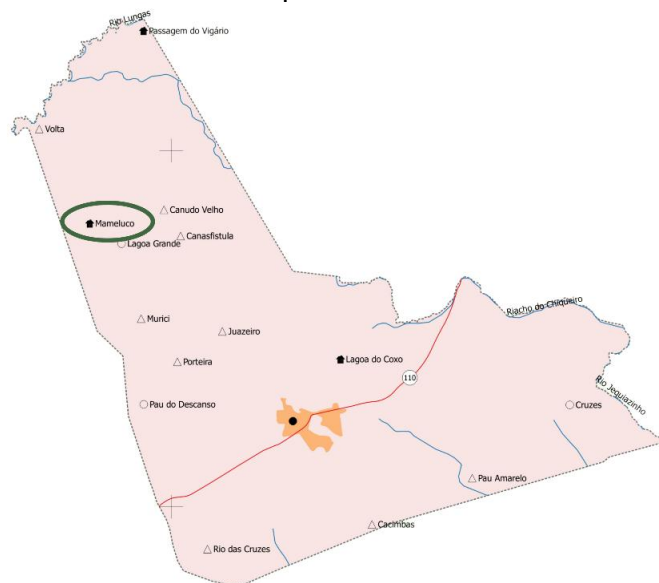
Fonte: adaptado de Alagoas em Dados e Informações (2023). Disponível em:

<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/municipio-de-uniao-dos-palmares/resource/b15b207c-52b9-461a-a374-a4b766a1636b>. Acesso em: 10 out. 2023.

<sup>1</sup> A Comunidade Remanescente Quilombola do Muquém está situada na zona rural de União dos Palmares (AL), a aproximadamente 4 km da sede municipal, aos pés do Planalto da Borborema e nas proximidades da histórica Serra da Barriga, reconhecida como território simbólico da resistência negra no Brasil. Nesse espaço de memória e luta, vivem famílias quilombolas que, geração após geração, preservam e recriam tradições ancestrais por meio da arte em cerâmica. Mais do que um ofício, a cerâmica constitui um patrimônio cultural coletivo, carregado de significados históricos, sociais e espirituais para a comunidade. Trata-se de uma tradição secular, transmitida de mestres a aprendizes, em que o barro moldado se torna não apenas utensílio, mas também símbolo de resistência e identidade. A força desse artesanato é tamanha que a popularidade e o valor das peças produzidas no Muquém ganham destaque nacional. Painéis, potes, cabeças ornamentais e artigos decorativos seguem sendo produzidos pelas mãos habilidosas das ceramistas locais, revelando o cotidiano e a criatividade da comunidade. Cada peça carrega consigo a memória coletiva do quilombo e a marca da relação íntima com a terra, reafirmando a cerâmica do Muquém como expressão de arte, trabalho e ancestralidade.

<sup>2</sup> A Comunidade Quilombola do Mameluco constitui-se como um espaço de resistência, preservando sua história e mantendo viva a luta dos ancestrais que ali edificaram sua trajetória coletiva. Situada no município de Taquarana (AL), a comunidade é formada por aproximadamente 160 famílias, cuja subsistência está vinculada a práticas tradicionais como a agricultura, a pecuária, a pesca e o artesanato, elementos que expressam tanto a dimensão econômica quanto cultural de sua organização social. O reconhecimento oficial da comunidade como quilombo, concedido em 2006 pela Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas, representou um marco significativo para o fortalecimento de sua luta por direitos e visibilidade. Entre suas manifestações culturais mais emblemáticas, destaca-se o evento anual “Mamelucando: saber é no quilombo”, realizado em setembro, que integra rodas de conversa, palestras, oficinas e apresentações culturais. Mais do que um festival, trata-se de um momento de troca de saberes, afirmação identitária e celebração da resistência quilombola, reafirmando o Mameluco como lugar de memória, luta e produção de futuro.

Figura 2 – Mapa político-administrativo de Taquarana (AL), com destaque para a comunidade quilombola Mameluco.

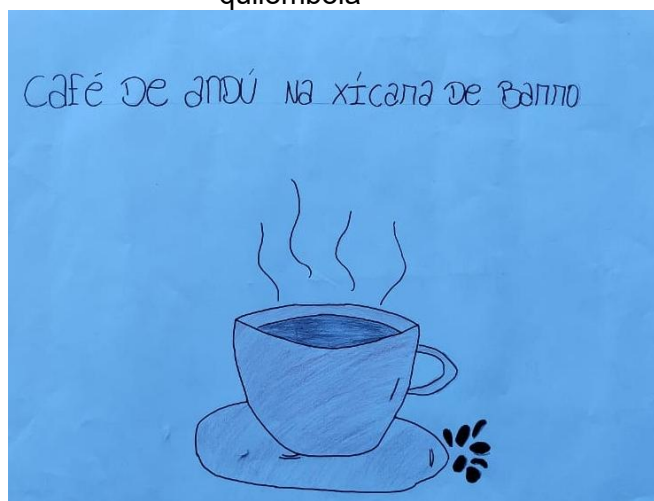


Fonte: adaptado de Alagoas em Dados e Informações (2023). Disponível em: [https://dados.al.gov.br/catalogo/sr\\_Latn/dataset/municipio-de-taquarana/resource/a66f9d7c-5f88-4cc7-ac27-871f2f805d15?inner\\_span=True](https://dados.al.gov.br/catalogo/sr_Latn/dataset/municipio-de-taquarana/resource/a66f9d7c-5f88-4cc7-ac27-871f2f805d15?inner_span=True). Acesso em: 10 out. 2023.

Nesse sentido, esse projeto de extensão visou promover o diálogo entre ciência e cultura, valorizando os saberes quilombolas e ampliando o acesso à educação de qualidade. Para tanto, adotamos uma metodologia inspirada nos princípios de uma pesquisa-ação (Thiollent, 2011), articulando rodas de conversa, oficinas itinerantes e eventos de socialização e avaliação das ações.

Durante a Oficina, acompanhamos momentos de grande intensidade simbólica, como o compartilhamento do café de andu servido em xícaras de barro, materializado na produção de cartazes realizada pelas (os) estudantes, conforme observa-se na Figura 3.

Figura 3 – Cartaz produzido por estudantes participantes da oficina de produção cultural quilombola



Fonte: acervo imagético do projeto (2024).

Essa prática, herdada das mestras da comunidade Mameluco, transcendeu o simples ato de beber, revelando-se metáfora de resistência e memória coletiva. Como ressalta Moura (2020), os quilombos, ao criarem formas próprias de subsistência, também instituíram tecnologias sociais de resistência, sendo o café de andu uma dessas invenções. Preparado comunitariamente e transmitido entre gerações, ele se constituiu como elemento pedagógico e cultural, reafirmando vínculos identitários.

Da mesma forma, a cerâmica da comunidade Muquém, materializada nas xícaras, expressa não apenas arte ou sustento, mas um gesto político. O barro moldado pelos ceramistas reafirma que tradição não é passado morto, mas futuro em construção. O ato de beber café de andu na xícara de barro articula alimento, estética e ancestralidade, funcionando como uma pedagogia viva, em que teoria e prática se entrelaçam. Observem na Figura 4 a representação da cultura de produção cerâmica nos cartazes elaborados pelas (os) estudantes.

Figura 4 – Cartaz produzido por estudantes participantes da oficina de produção cultural quilombola



Fonte: acervo imagético do projeto (2024).

Identificamos nesses momentos da Oficina uma expressão clara do conceito de “aquilombar” proposto por Beatriz Nascimento (2018), que se refere à criação e recriação de espaços de proteção, solidariedade e resistência, onde se afirma humanidade e autonomia diante das violências históricas. Estar em Muquém e Mameluco, compartilhando café e cerâmica, constituiu para nós um exercício de “aquilombamento”. Ao mesmo tempo, essa experiência também dialoga com a noção de quilombismo de Abdias Nascimento (1980), para quem o quilombo se configura como projeto político de sociedade pautado pela justiça social, igualdade e liberdade.

Ao nosso entendimento, a oficina é uma prática de educação enraizada na realidade concreta (Freire, 2020). A partir dos relatos das professoras quilombolas, percebemos a força de suas memórias e a centralidade do café de andu como prática de cuidado comunitário. Os professores do Ifal puderam perceber que o contato com saberes tradicionais desafia paradigmas acadêmicos, exigindo a revisão de seus próprios referenciais pedagógicos. Assim, a oficina constituiu-se não apenas como espaço de ensino, mas também de aprendizagem mútua.

É possível destacar que o conhecimento quilombola se manifesta em rituais, oralidade, agricultura e artesanato, configurando-se como sociobiodiversidade (Melo et al., 2024) e resistindo ao apagamento histórico. Vivenciar essas práticas nos permitiu reafirmar que a universidade deve não apenas registrar tradições, mas experienciá-las e fortalecê-las, contribuindo para a manutenção das identidades coletivas e promovendo horizontes de transformação social.

Nesta perspectiva, ao olharmos para os horizontes compartilhados, concluímos que a experiência vivenciada no projeto *Aquilombar Ciência e Cultura* evidencia a

encruzilhada em que se coloca a educação contemporânea. Ao interagir com as realidades concretas dos estudantes quilombolas, a escola formal pode tornar-se espaço de preservação e fortalecimento de saberes tradicionais, ao mesmo tempo em que possibilita a produção de conhecimento sobre si mesmo e sobre a própria realidade social. Esse processo educativo, fundamentado na prática, na escuta e na valorização das memórias comunitárias, não apenas reafirma identidades e práticas culturais, mas também cria condições para que professores, estudantes e comunidades desenvolvam uma consciência crítica capaz de transformar a realidade em que vivem, promovendo uma sociedade mais justa, plural e respeitosa de sua diversidade histórica e cultural.

## **METODOLOGIA**

No decorrer de 2024, no âmbito do projeto *Aquilombar Ciência & Cultura*, desenvolvemos diversas ações articuladas entre escolas e universidade, incluindo visitas técnicas, reuniões de planejamento, oficinas culturais, intercâmbio de estudantes e participação em eventos de avaliação e divulgação dos resultados. Priorizamos o intercâmbio cultural, permitindo que docentes e discentes atuassem simultaneamente como facilitadores e aprendizes das práticas culturais quilombolas. As atividades foram registradas por meio de relatórios de campo, registros audiovisuais, produção de minidocumentários e documentação das oficinas, assegurando a captura detalhada das experiências e saberes locais.

As atividades metodológicas do projeto foram estruturadas para promover a construção coletiva do conhecimento e o engajamento participativo, em consonância com os princípios da extensão universitária. Inicialmente, o planejamento das ações foi alicerçado em visitas técnicas e reuniões de planejamento, realizadas em parceria com as escolas parceiras e a equipe da Sala Verde Serrana dos Quilombos. Tais encontros, que ocorreram nas datas de 01/03/2024 e 07/03/2024, foram cruciais para a construção coletiva do cronograma e dos conteúdos das oficinas e demais intervenções.

Simultaneamente, desenvolveu-se uma frente de produção audiovisual, com o objetivo de documentar e disseminar as experiências. Discentes voluntários realizaram a gravação e a edição de um minidocumentário focalizando a comunidade

Mameluco, com a edição estendendo-se entre abril e novembro de 2024 (início da gravação em 13/04/2024).

A dimensão da troca de saberes foi materializada por meio de oficinas e intercâmbios culturais. Estes intercâmbios promoveram visitas mútuas entre estudantes das comunidades Mameluco e Muquém (realizadas em 26/04/2024 e 24/05/2024), facilitando a troca de conhecimentos e práticas sobre aspectos culturais, técnicas de artesanato e sustentabilidade.

Complementarmente, a fase de registros etnográficos e oficinas de produção cultural incluiu uma visita técnica ao ateliê da renomada ceramista Mestra Irineia, na comunidade Muquém, em 09/05/2024. Essa atividade forneceu subsídios valiosos para o planejamento e execução de futuras oficinas.

Por fim, a avaliação participativa e os eventos de divulgação consolidaram a finalização e a socialização dos resultados. Este eixo incluiu reuniões de avaliação e a participação ativa em eventos locais e universitários (21/04/2024; 14/09/2024; 07/11/2024; 12/11/2024), culminando no reconhecimento das ações com o 1º Lugar no Prêmio Destaque Extensionista 2024 e na publicação de um artigo na Revista Extensão em Debate da UFAL.

Essas ações nos permitiram produzir conhecimento situado, articulando teoria e prática, respeitando os saberes das comunidades quilombolas. Contudo, admitimos que a concretização da oficina foi marcada por algumas dificuldades que motivaram soluções e ajustes sem que a atividade fosse comprometida. O deslocamento de estudantes entre as duas localidades (União dos Palmares e Taquarana) foi um dos desafios encontrados. A parceria com as Secretarias de Educação dos dois municípios foi determinante para a superação desta demanda.

Em relação ao deslocamento das mestras e mestres quilombolas, a maioria idosos, foi desatada com a criação de pequenos vídeos apresentando as duas práticas culturais, a produção de cerâmica de Muquém e a torra do café de andu de Mameluco. Esses vídeos foram apresentados no início das oficinas e constituíram-se como o ponto de partida da reflexão sobre a importância da cultura e identidade quilombola.

A iniciativa proporcionou um engajamento substancial de estudantes e docentes em um processo de construção compartilhada de experiências educativas e culturais. Essa colaboração foi fundamental para a consecução de resultados multifacetados, os quais refletem a profundidade e a abrangência da proposta. Tais

desdobramentos podem ser categorizados em dimensões qualitativas e quantitativas, indicando tanto o impacto transformador no plano das interações e dos saberes quanto a escala de mobilização de público.

No âmbito qualitativo, o projeto logrou êxito em estabelecer diálogos interdisciplinares significativos entre as comunidades tradicionais e o meio acadêmico. Um aspecto central foi a valorização dos saberes locais, o que não apenas enriqueceu a formação discente, mas também promoveu transformações mútuas entre todos os envolvidos, sublinhando a natureza bidirecional da troca.

Um evento emblemático dessa interação foi o encontro de trocas de saberes entre as comunidades Mameluco e Muquém. Realizado nas dependências do Museu Histórico Nacional da Universidade Federal de Alagoas (MHN-UFAL) em 12 de novembro de 2024, o evento se configurou como momento de avaliação dos impactos do projeto por meio de uma roda de conversa entre todos os personagens envolvidos. Nesta oportunidade, foram sinalizadas possíveis alianças no futuro entre as (os) participantes do projeto bem como a satisfação pelo engajamento das escolas, comunidades quilombolas e instituições de ensino que fomentam as práticas extensionistas.

A relevância institucional da iniciativa foi ratificada por importantes reconhecimentos. O projeto foi distinguido com o 1º Lugar no Prêmio Destaque Extensionista 2024 durante a Semana de Extensão da UFAL, o que atesta a excelência e o impacto social das ações desenvolvidas. Adicionalmente, a publicação de um artigo acadêmico em julho de 2025, serve como um indicador da capacidade do projeto em gerar conhecimento e contribuir para o debate científico na área. Tais marcos consolidam a importância e o mérito da proposta no cenário acadêmico-extensionista.

Em termos quantitativos, a mobilização de participantes demonstrou o alcance expressivo do projeto, notadamente na oficina intitulada "Produção cultural quilombola: identidade, saberes tradicionais e comunidade". Esta atividade envolveu diretamente 45 estudantes do ensino fundamental, provenientes das escolas Edgar Tenório (Taquarana) e Pedro Pereira da Silva (União dos Palmares), juntamente com seus respectivos docentes e servidores. Complementarmente, a participação de 47 membros das comunidades quilombolas Mameluco e Muquém reforça a magnitude da inclusão e da integração comunitária alcançada por meio dessa ação específica.

A conjugação entre metodologia e resultados evidencia a importância do trabalho de extensão em contextos educativos e culturais, ao integrar saberes acadêmicos e tradições locais e consolidar uma prática extensionista etnográfica, participativa e transformadora.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer desta seção, apresentaremos dois relatos de experiência detalhados, correspondentes às percepções e vivências das educadoras envolvidos na oficina *Produção cultural quilombola: identidade, saberes tradicionais e comunidade*. Nesse contexto, serão abordadas as experiências das professoras quilombolas Juliana de Araujo Silva e Amanda dos Santos Curto, que atuam na educação básica da Prefeitura Municipal de Taquarana, no estado de Alagoas.

Ao final do manuscrito, reuniremos esses relatos para estabelecer discussões transversais, permitindo identificar convergências, diferenças e aprendizagens compartilhadas entre todas/os os educadores envolvidos. Essa abordagem possibilitou refletir sobre os impactos da oficina na valorização dos saberes quilombolas, na prática pedagógica e na formação de docentes e estudantes, promovendo uma análise mais ampla sobre a experiência extensionista como espaço de aprendizagem mútua e de construção de conhecimento situado.

### Juliana de Araújo Silva

Participar do projeto *Aquilombar Ciência e Cultura* foi, para mim, uma experiência transformadora e profundamente enriquecedora, não apenas enquanto professora, mas principalmente enquanto mulher e quilombola da comunidade Mameluco. Desde o início, senti que esse projeto trazia algo muito além do ensino e da pesquisa acadêmica: carregava em si o poder do encontro, da troca de saberes e da valorização das histórias que moldam nossas identidades quilombolas. Junto a mestres e mestras das comunidades, e a estudantes de duas escolas municipais — a Escola Edgar Tenório de Lima, em Taquarana, que acolhe alunos do Quilombo Mameluco, e a Escola Pedro Pereira, em União dos Palmares, com alunos do Quilombo Muquém —, vivenciamos momentos de intenso aprendizado, partilha e fortalecimento cultural.

Fazer parte da organização e da condução das oficinas, ao lado de um grupo tão diverso e comprometido, foi uma oportunidade única para mim. Estar entre mestres, doutores, estudantes e lideranças quilombolas reforçou o sentimento de pertencimento e o valor do nosso saber ancestral. As atividades foram ricas em significado: produzimos vídeos, promovemos diálogos abertos, realizamos intercâmbio entre as escolas e as comunidades e encerramos com uma culminância que celebrou nossas raízes, nossas artes e nossas histórias.

O intercâmbio permitiu que os alunos das duas comunidades conhecessem não apenas os espaços escolares, mas também um pouco da vida, da cultura e das histórias das comunidades de origem de cada grupo. Essa vivência me possibilitou apresentar as riquezas da minha comunidade, Mameluco, e, ao mesmo tempo, aprender com a força, a beleza e as expressões artísticas do Muquém. Foi um encontro de saberes que ultrapassou muros escolares e alcançou as memórias e os afetos de cada participante.

Enquanto professora, pude perceber o impacto positivo dessa aproximação na formação dos estudantes, que se reconheceram uns nos outros e fortaleceram o orgulho de suas origens. Enquanto mulher quilombola, senti-me honrada em ver a potência das nossas histórias ganhando voz e visibilidade.

Guardo na memória as trocas sinceras, os sorrisos, as cantorias, os vídeos produzidos, os relatos emocionantes e, acima de tudo, a certeza de que projetos como este têm o poder de transformar vidas e fortalecer identidades. Saio desse ciclo com o coração aquecido, com novas aprendizagens e com a certeza de que sou, cada vez mais, parte viva dessa história de resistência, luta e celebração das culturas quilombolas.

### **Amanda dos Santos Curto**

O Projeto *Aquilombar Ciência e Cultura* foi, para mim, um espaço de troca verdadeira, onde a ciência e os saberes das comunidades puderam caminhar juntos, com respeito e sem hierarquia. E foi exatamente isso que eu vivi. Participei de rodas de conversa, oficinas, vivências com o artesanato e plantas medicinais, escutei histórias emocionantes, participei de brincadeiras e caminhadas pelos espaços da comunidade. Tudo feito de forma muito rica, sensível e respeitosa. Cada encontro foi pensado com muito carinho, e a escuta esteve sempre presente. Estar perto de

mestres e mestras da cultura local me ensinou demais. Aprendi sobre o poder da palavra, da reza, das mulheres mais velhas, da natureza, do silêncio, do tempo de cada lugar, porque, mais do que uma ação educativa, o projeto foi uma vivência que me marcou profundamente. Voltei para casa com muito mais do que levei: memórias, afetos, reflexões e uma vontade ainda maior de valorizar as raízes negras e quilombolas que fazem parte da nossa história. Tenho certeza de que cada pessoa que participou levou consigo uma sementinha de saber e transformação. Participar do Projeto *Aquilombar Ciência e Cultura* foi uma experiência única e profundamente especial.

Dentre tantos momentos marcantes, a viagem à comunidade de Muquém foi, sem dúvida, o que mais me tocou, pois tive a oportunidade de conhecer de perto uma nova cultura, vivenciar realidades diferentes da minha e me encantar com as histórias que permeiam aquele território de ancestralidade e resistência. Dentre elas, uma narrativa em especial permanece viva em minha memória: a história dos quilombolas que, durante uma grande cheia, precisaram subir em uma jaqueira para sobreviver. Ouvir esse relato contado por uma pessoa que viveu essa experiência foi emocionante, um verdadeiro privilégio, e, sem dúvidas, é o tipo de memória que não se encontra em livros, pois foi transmitida pela contação, pela vivência, pelo olhar de quem resistiu.

Algo que também me encantou profundamente foi o artesanato local, especialmente as peças em cerâmica. Um trabalho lindo, cheio de significado, que é passado de geração em geração. É mais do que arte: é história viva moldada pelas mãos. Ver esse cuidado e essa tradição mantida com tanto orgulho me tocou de forma especial.

Como coordenadora de uma creche em meu município, também pude dialogar com a coordenadora da escola local, trocando saberes e experiências sobre os desafios e práticas educacionais. Foi enriquecedor perceber como, mesmo com realidades distintas, há pontos em comum que nos aproximam e nos fortalecem enquanto educadoras.

Durante a oficina realizada com os estudantes das comunidades de Taquarana e Muquém, observei que, no início, houve certa timidez. Mas logo, com o tempo e o envolvimento coletivo, os jovens se engajaram e realizaram as atividades com entusiasmo e criatividade. Ver essa transformação acontecer diante dos nossos olhos foi gratificante. Outro ponto que me marcou foi a convivência com professores,

mestres e doutores com ampla bagagem acadêmica, pois, para mim, estar ao lado dessas pessoas tão comprometidas e generosas proporcionou aprendizados valiosos, que enriqueceram minha trajetória acadêmica e pessoal de forma significativa.

O ápice do projeto, sem dúvida, foi o impacto positivo gerado em todos os envolvidos. Como eu gostaria que essa iniciativa fosse estendida! Ficou evidente o quanto projetos como este são essenciais no mundo em que vivemos, pois o *Aquilombar* é valorizar as raízes, é resgatar histórias, é reafirmar identidades. Por fim, acredito que cada participante saiu dessa experiência com uma nova “sementinha” de saber plantada dentro de si. O Projeto *Aquilombar Ciência e Cultura* foi mais do que uma ação de extensão: foi um movimento de afeto, pertencimento e transformação. E sou imensamente grata por ter feito parte dele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além das reflexões teóricas e dos registros das práticas educativas, destacamos as experiências vivenciadas pelas próprias educadoras quilombolas que conduziram o projeto. Para Juliana de Araújo Silva, participar do *Aquilombar Ciência e Cultura* foi uma experiência transformadora, que ultrapassou a dimensão do ensino formal e se revelou profundamente enriquecedora enquanto mulher e quilombola. Ela ressalta que a troca de saberes com mestres, estudantes e lideranças comunitárias permitiu fortalecer identidades, valorizar histórias ancestrais e criar vínculos afetivos com os participantes, proporcionando um aprendizado mútuo e a certeza de fazer parte viva de uma história de resistência, luta e celebração das culturas quilombolas.

De modo complementar, Amanda dos Santos Curto relata que o projeto representou um espaço de troca verdadeira, sensível e respeitosa, em que ciência e saberes tradicionais caminharam juntos. Ela enfatiza o impacto das vivências com a cerâmica, o café de andu, as histórias comunitárias e as interações com estudantes e colegas, que possibilitaram reflexões sobre identidade, pertencimento e valorização das raízes quilombolas. Amanda destaca ainda o aprendizado pessoal e profissional proporcionado pelo contato com saberes ancestrais e pela convivência com professores e mestres de diferentes formações, consolidando o caráter transformador do projeto e a potência do compartilhamento, do reconhecimento e do respeito mútuo.

Desse modo, o projeto *Aquilombar Ciência e Cultura*, em sua totalidade, e a oficina Produção cultural quilombola: identidade, saberes tradicionais e comunidade,

em particular, mostraram que a extensão universitária pode ser semeadora de sonhos, capaz de germinar transformações na realidade, ao mesmo tempo em que fortalece uma consciência crítica enraizada na ancestralidade. E por fim, essa experiência revelou-se aos nossos olhos como território de metamorfoses, onde sujeitos aprendem sobre si mesmos e sobre sua relação com a riqueza e a diversidade de outras culturas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos pelo financiamento para a execução do projeto “Aquilombar Ciência e Cultura em Muquém e Mameluco” concedido pela SBPC, pela disponibilização de transporte para o deslocamento de estudantes concedido pelas Secretarias Municipais de Educação das cidades de Taquarana e União dos Palmares, pela aliança construída com a Escola Edgar Tenório e a Escola Pedro Pereira e pela oportunidade de aprendizagem com as mestras e mestres das Comunidades Quilombolas Mameluco e Muquém.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 74. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, [1968] 2020.

MELO, M. V. O.; SILVA, E. M.; SANTOS, B. M. C.; LIMA, R. S. *Interculturalidade como estratégia da educação escolar quilombola no sertão alagoano*. **Extensão em Debate**, Maceió, v. 13, n. 18, p. 1-17, jan./jun. 2024.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. 1994. In: **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

\_\_\_\_\_. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: DADOS - **Revista de Ciências Sociais**, v. 43, n. 1, p. 5-26, 2000.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.